

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SANGUE E NERVO - O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN
6 e 17 de Outubro de 2023

RAMPAGE / 1987

O Dedo da Justiça

um filme de WILLIAM FRIEDKIN

Realização: William Friedkin / **Argumento:** William Friedkin, a partir de um romance de William P. Wood / **Fotografia:** Robert D. Yeoman / **Montagem:** Jere Huggins / **Música:** Ennio Morricone / **Direcção Artística:** Carol Clements / **Decoração:** Nancy Nye / **Interpretação:** Michael Biehn (Anthony Fraser), Alex McArthur (Charlie Reece), Nicholas Campbell (Albert Morse), Deborah Van Valkenburgh (Kate Fraser), John Harkins (Dr. Keddie), Art LaFleur (Mel Sanderson), Billy Green Bush (juiz McKinsey), Royce D. Applegate (Gene Tippetts), Grace Zabriskie (Naomi Reece), Carlos Palomino (Nestode), Roy London (Dr. Paul Rudin), Donald Hotton (Dr. Leon Gables), Andy Romano (Spencer Whalen), Patrick Cronin (Harry Bellenger), Roger Nolan (Dr. Roy Blair), Rosalyn Marshall (Sally Ann), Whit Hertford (Andrew Tippetts), David A. Kimball, Brenda Lilly, Joseph Whipp, Chip Heller, Rodney Cornelius, Dave Alan Johnson, Roger Broyles, Edith Fields, Neal Hahn, Gale Beeman.

Produção: De Laurentis Entertainment Group (DEG) / **Produtores:** William Friedkin, David Salven / **Direcção de Produção:** David Salven / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em 35mm, cor, legendada em português / **Duração:** 95 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** Setembro 1987, Boston Film Festival / **Estreia Mundial:** 23 de Novembro de 1988, França (estreia nos Estados Unidos: 30 de Outubro de 1992) / **Estreia em Portugal:** 14 de Setembro de 1990, Cinema Império / Primeira exibição na Cinemateca a 1 de Outubro de 2012 (“Anos 80, Esses Desconhecidos”).

Devido a complicações legais, **O Dedo da Justiça** só estreou comercialmente nos Estados Unidos vários anos depois de ter estreado na Europa, inclusivamente em Portugal, o que terá certamente contribuído para que este seja um dos filmes menos conhecidos de William Friedkin. Outro dos motivos para o seu maior esquecimento será o facto de **O Dedo da Justiça** estar bastante longe de outros filmes maiores do cineasta, como **O Exorcista** ou **The French Connection / Os Incorruptíveis Contra a Droga**, duas longas-metragens que realizou ainda na década de 70, que colocaram o seu nome entre os grandes cineastas americanos, ou mesmo do filme anterior a este **Rampage, Viver e Morrer em Los Angeles**, que Friedkin concluiu em 1985.

O Dedo da Justiça baseia-se num caso real, a história de Richard Trenton Chase, homicida conhecido como “The Vampire Killer” que, em Janeiro de 1979, matou várias pessoas em poucos dias. William Friedkin resolveu partir desta história e do romance de William P. Wood que a adapta, e assim montar um filme em torno da figura de um “vampiro”. Friedkin não adivinharia então como, tantos anos depois o cinema americano e a televisão voltariam a valorizar figuras como esta, que vampirizam o êxito que as histórias de vampiros têm atingido na própria literatura.

Mas Charlie Reece não é propriamente um vampiro, nem um vampiro qualquer. Antes de ser um vampiro é um criminoso com perturbações de ordem psicológica, que serão debatidas ao longo do filme. Psicopata inimputável ou um criminoso cujas responsabilidades lhe poderão ser imputadas? A este debate, que mantém uma enorme actualidade, soma-se um outro, não menos importante, que diz respeito à legitimidade da aplicação da pena de morte, que muitos acusam de transformar **O Dedo da Justiça** num filme de tese. Em **Rampage**, um jovem advogado que se afirma contra a pena de morte é convidado a tratar do caso e a defender precisamente a sua aplicação. Nesse sentido, o violento criminoso é rapidamente substituído por um torturado advogado, que se debate com a sua própria consciência. E é aqui que Friedkin fraqueja: quando desloca o centro do filme do “vampiro” para o jovem advogado, mas também para os seus problemas conjugais.

Revelando várias das qualidades do cinema de Friedkin, **O Dedo da Justiça** apresenta algumas debilidades. Entre elas, contamos sobretudo o recurso aos constantes *flashbacks* (que também funcionarão em sentido inverso, ou seja, como premonições). *Flashbacks* do jovem advogado, que recorda a filha e a sua morte (que o ajudará a lidar com a morte de uma criança), mas também *flashbacks* do criminoso, que se misturam com supostas imagens mentais, em que o vemos banhado em sangue, acompanhado por um tigre impresso em pano de fundo. Entre as qualidades há que referir a engenhosa solução dos três minutos de espera em que o jovem advogado levaria os jurados a sentir na duração os últimos minutos das vítimas e em que Friedkin obriga simultaneamente o espectador a sentir os minutos que passam através do desconforto desses mesmos jurados. Segundo o que percebemos não serão os três minutos exactos, mas andarão lá perto, constituindo assim um momento de suspensão, que traduz uma real tensão.

Um outro elemento extremamente interessante no filme é o uso que o realizador faz da imagiologia médica, em que as imagens do cérebro de Charlie Reece, que ocupam o ecrã inteiro, nos permitem seguir de perto o seu diagnóstico. Mas outro dos elementos mais curiosos de **Rampage** é o modo como Friedkin filma os monólogos do jovem advogado, tratando-os não tanto como monólogos interiores, expectáveis pelo facto de sermos várias vezes confrontados com imagens do seu pensamento, mas monólogos para um gravador que regista as suas impressões. “*Convenci o júri e convenci-me a mim mesmo, mas agora não tenho a certeza...*”, dirá no final. Friedkin confronta-se mais uma vez com os “demónios interiores”, que são uma constante na sua obra e que nos dão um retrato de uma América sombria, mas que apresenta ainda a possibilidade de redenção.

Indeciso entre a história de um criminoso e a do seu “juiz”, **O Dedo da Justiça** apresenta-se como um filme frágil, mas também é um filme que revela o “dedo” do seu realizador. É assim um filme dividido que espelha as divisões do próprio cineasta. Como revelou Friedkin numa entrevista: “*as duas personagens de Rampage, o advogado e o assassino são duas partes de mim mesmo...o assassino é uma espécie de vítima inocente, vítima da sua herança genética ou outra, e o outro quer matá-lo...*”.

Joana Ascensão